

Máquinas de guerra em ação: uma breve análise do cerco de Lisboa de 1147

Carlos Rossine Pressinatte¹

Resumo: Nos últimos anos, as análises sobre a guerra medieval vêm sendo realizadas a partir de um novo padrão: o reconhecimento da importância da chamada guerra de desgaste em detrimento das grandes batalhas. Assim sendo, o antigo conceito de guerra medieval, imortalizado nas telas do cinema pelos grandes choques entre tropas de cavalaria e infantaria, vem sendo revisado e ampliado, discutindo-se a real relevância destas grandes batalhas e focando-se muito mais na guerra cotidiana, principalmente quando se refere à Reconquista da Península Ibérica.

Esta nova abordagem procura revelar algumas características da vida bélica medieval que passam despercebidas quando analisadas apenas a partir do prisma das grandes batalhas. A guerra de desgaste era responsável por desenvolver toda uma política sistemática de violência, destruição e desgaste das bases materiais, políticas e psicológicas do inimigo, ao longo de vários meses ou até mesmo anos. O objetivo principal desta forma de guerrear era o de fazer com que a resistência do inimigo fosse a mais frágil possível, utilizando-se de todas as manobras que fossem responsáveis por diminuir sua coesão, direcionando todos os esforços de uma campanha para empreender e vencer um cerco, não para uma batalha em campo aberto.

Tal fato ocorria graças à superioridade dos sistemas defensivos em relação aos ofensivos, fazendo com que a maior parte das batalhas se resumisse a pequenas incursões em território inimigo e ao cerco de fortalezas e cidades muradas. Assim sendo, a utilização de máquinas de guerra que pudessem diminuir a capacidade de resistência dos sitiados e suas fortalezas podem ser observadas em várias ocasiões, dentre elas durante o cerco de Lisboa de 1147.

A partir da análise da fonte principal, a obra *De Expugnatione Lyxbonensi*, e com o auxílio de outras obras bibliográficas que discutem o tema, procuramos apontar algumas características e peculiaridades que permeiam esta forma de fazer guerra. Não podemos deixar de levar em consideração o fato de que o conflito ocorreu no extremo oeste da Península Ibérica, durante a metade do século XII e há milhares de quilômetros de distância do palco principal de ação das tropas cristãs e islâmicas, que se encontrava na atual região do Oriente Médio. No entanto, não deixou de contar com a avançada tecnologia das máquinas de guerra, difundidas por homens dos mais variados idiomas e utilizadas por grandes líderes militares, que não buscavam a resolução do conflito apenas numa luta em campo aberto, mas sim numa guerra de cerco, de desgaste.

Palavras-chave: Península Ibérica Medieval; Máquinas de Guerra; Guerra de Desgaste.

Máquinas de guerra em ação: uma breve análise do cerco de Lisboa de 1147

Durante várias décadas, a guerra medieval, em se tratando de tática e estratégia militar, foi abordada a partir de um retrocesso em relação ao mundo clássico, principalmente no que dizia respeito ao absoluto predomínio da batalha campal como objetivo prioritário e a organização militar das legiões romanas.

Os especialistas e pesquisadores desta área eram predominantemente militares, e os medievalistas que se aprofundaram no assunto focaram-se igualmente apenas nas batalhas campais. Esta forma de análise resultou na criação de um cenário característico, marcado por encontros campais e pelas cargas da cavalaria feudal como elementos determinantes durante as batalhas, o que acabou deformando a imagem geral da verdadeira guerra medieval. Criou-se um paradoxo, pois, atualmente, os especialistas concluíram que raras vezes ocorreram batalhas campais durante a Idade Média, principalmente em se tratando de Península Ibérica.

Assim, durante a etapa pleno medieval², houve uma absoluta superioridade das técnicas defensivas em relação às ações ofensivas que determinaram duas características principais no que dizia respeito ao comportamento bélico dos medievais: a preferência pela defesa e os poucos enfrentamentos campais.³ Diante deste cenário, a saída para os atacantes era empreender uma sucessão de saques em torno da fortaleza ou bloquear o acesso a ela, isolando-os, formalizando assim um cerco.

A partir destas considerações, a obra *De Expugnatione Lyxbonensi*, escrita no século XII por um cruzado normando, que descreveu a viagem dos combatentes cristãos que seguiram para a segunda Cruzada, detalhando ao longo da carta todo o processo que levou ao cerco da cidade de Lisboa, pode ser considerada uma fonte indispensável para o estudo das características principais de um cerco, bem como da poliorecética medieval.

Antes de partirmos diretamente para a análise das características bélicas deste documento, se faz necessário elucidar algumas questões referentes a esta fonte. O documento disponível trata-se de um exemplar único, adquirido no século XVI e preservado até hoje no Colégio *Corpus Christi* de Cambridge⁴. O documento escrito em formato epistolográfico, após passar por minuciosos estudos de crítica textual e análise diplomática e paleográfica, foi considerado uma cópia do original, escrito entre a segunda metade do século XII e a primeira década do século XIII. Após vários estudos e debates, especialistas chegaram à conclusão de que se trata de uma carta endereçada ao clérigo Osberto de Bawdsey, escrita por um cruzado normando chamado Raul⁵, onde este se propõe a descrever todos os sucessos e progressos empreendidos pelos Cruzados durante toda a viagem até a Terra Santa:

Qualiter circa nos habeatur magni fore uoti aput uos scitu pro certo credimus, idemque de uobis aput nos agi nulla dubitatione teneamini. Itineris ergo nostri uel prospera uel aduersa uel que ínterim facta uel dicta uel uisa uel audita, relatu digna fuerint qualicumque scripto manifestabimus⁶ (NASCIMENTO, 2007, p.54).

Os motivos que levaram o cruzado Raul a escrever uma carta tão detalhada sobre o cerco empreendido à cidade de Lisboa em 1147 ainda suscitam discussões. Ao longo do relato, fica claro que a carta não foi escrita às pressas, mas sim de maneira cuidadosa e com acesso a outros documentos, que só poderiam ser consultados depois da tomada da cidade, tal como a transcrição na íntegra dos sermões dos clérigos e dos discursos de alguns líderes cruzados, além de outros documentos provenientes da chancelaria régia, o que nos leva a crer que este cruzado responsável por escrever a carta não seguiu viagem até Jerusalém, mas sim que se estabeleceu em terras portuguesas por algum tempo.

Em suma, segundo Aires Nascimento:

Trata-se de um raríssimo exemplo de prosa de cariz narrativo com uma escrita colorida e pormenorizada, dentro do árido panorama da produção de textos narrativos na Península Ibérica durante o século XII, testemunho vivido na primeira pessoa, por um cruzado normando que embarcara na grande empresa da Segunda Cruzada. Como tal serve e reflecte realidades que estão para além do mero âmbito

da Reconquista Peninsular. O texto descreve um momento e um ambiente que, quer a nível político quer a nível das mentalidades, merece alguma detenção e espelha um mundo em evolução e construção, feito de interesses e lutas políticas e de facções de toda a ordem, mas também um mundo emocional e mental que se desenrola concomitantemente ao longo da sua narrativa, feito de intenções piedosas e profanas, eivado de contactos entre culturas, e permeado da tolerância e intolerância que caracterizava as visões do mundo dos homens do Norte e dos homens do Sul, de guerreiros peninsulares e de cruzados, de muçulmanos e de moçárabes. Daí o permanente fluir da tentativa de transmitir as realidades observadas na intenção de transformar o seu relato numa intensa tradução para o referencial cristão de práticas, léxico e filosofias de vida que caracterizavam “os outros”, quer eles fossem os bispos e guerreiros do rei português, quer eles fossem os próprios sarracenos (NASCIMENTO, 2007, p.12).

Apesar de todas as variantes possíveis de serem abordadas a partir da análise desse documento único, a que escolhemos debater diz respeito à descrição da construção e uso das máquinas de cerco que foram empregadas durante o sítio da cidade, por parte dos exércitos cruzados.

O estudo do emprego de engenharia bélica na construção de máquinas e engenhos, assim como a utilização de táticas militares no auxílio da guerra de desgaste, buscando acelerar o processo responsável por solapar as forças inimigas que se encontram protegidas dentro das cidades fortificadas ou castelos, contribui para adequar a imagem da verdadeira guerra medieval, em detrimento daquele antigo quadro de grandes combates, elaborado em grande parte por militares modernos a partir dos relatos de cronistas da época. No caso específico relatado na carta, podemos observar alguns dados referentes à construção e aprimoramento de armas e máquinas, individuais ou operadas por muitos guerreiros, desde os aparelhos mais toscos até aos mais complexos, como as enormes torres móveis que foram empregadas no cerco, uma das máquinas de guerra mais bem tecnologicamente desenvolvidas da época.

Logo no início do relato podemos observar a maneira como as hostes foram divididas no porto inglês, de onde partiram no dia 23 de maio de 1147 rumo à costa espanhola. De Dartmouth, saíram aproximadamente 164 navios, com cerca de 13 mil guerreiros para uma viagem um tanto quanto atribulada⁷:

*Igitur apud portum de Dertemude diuersarum nationum et morum et linguarum gentes nauibus circiter C.LXIII conuenere. Horum omnium trifariam partitur exercitus. Sub comite Arnolde de Aerescot, nepote Godefridi ducis, a Romani imperii partibus secedit exercitus. Sub Christiano de Gistell[a] Flandrenses et Bononenses, ceterorum omnium sub constabulariis quatuor: sub Herueo de Glanuilla Norfolcenses; et Sudfolcenses sub Symone Dorobernensi; omnes Cantiae naues sub Andrea Londonienses; sub Saherio de Arcellis relique omnium naues.*⁸ (NASCIMENTO, 2007, p.54).

Após o relato de toda a viagem marítima e da descrição da costa espanhola e portuguesa, a carta indica que a maior parte dos navios que não se dispersaram durante a tempestade atracou na cidade do Porto, no dia 16 de julho, onde foram recepcionados pelo bispo local, que lhes informou das intenções do futuro rei português, D. Afonso Henriques, de tomar a cidade de Lisboa. A posse da cidade era essencial para consolidar as conquistas realizadas até então por D. Afonso Henriques, assim como para garantir seus planos de dominar toda a linha do Tejo⁹. Após a chegada dos barcos que haviam sido dispersados na tempestade, a frota foi novamente reunida e rumou para Lisboa, a fim de ouvir do próprio D. Afonso Henriques quais eram suas intenções e como a contribuição dos cruzados seria recompensada. Ao chegar a Lisboa, a opulência da cidade foi relatada:

*A septentrione fluminis est ciuitas Lyxbona in cacumine montis rotundi; cuius muri gradatim descen[den]tes ad ripam fluminis Tagi solum muro interclusi pertinent. Sub nostro aduentu opulentissima totius Affrice et magne partis Europe com meatibus.*¹⁰ (NASCIMENTO, 2007, p.76).

A Lisboa desta época era uma cidade extremamente cosmopolita e importante para o comércio da região, englobando em seus muros negociantes oriundos de todas as partes da Europa, Norte da África e Oriente Médio, além de possuir um importante estaleiro naval, responsável por reparar as frotas islâmicas que navegavam no mediterrâneo¹¹. Os vários adjetivos de outros trechos da carta, reservados à descrição da cidade, também demonstram como os homens vindos do norte da Europa ficaram maravilhados ao se depararem com o número de pessoas que a habitavam e suas diferentes culturas.

De acordo com o relato do cruzado normando Raul, o primeiro embate entre as tropas cruzadas e os islâmicos que ocupavam a cidade se deu na noite do dia 28 de junho de 1147, quando aproximadamente 39 cruzados desceram de seus navios, que estavam ancorados na praia e foram atacados por alguns mouros, que logo voltaram para o abrigo da cidade ao serem repelidos pelos cristãos. Hervey de Glanville e Saério de Archelles logo ergueram suas tendas na praia, a modo de não abandonar o primeiro território conquistado à custa do inimigo.

Ao amanhecer do dia, o futuro rei português D. Afonso Henriques foi se encontrar com os líderes das tropas cruzadas, lhes fazendo uma proposta de colaboração a fim de sitiar a cidade¹². A resposta dos cruzados só foi dada no outro dia, após a reunião de um conselho dos líderes de cada grupo, não sem grande dificuldade para que os diferentes interesses de cada um fossem acordados, e a resposta positiva fosse dada a D. Afonso Henriques.

Ao sitiar uma cidade ou castelo, uma espécie de protocolo devia ser cumprido, sendo que algumas regras morais deviam ser observadas para que o cerco pudesse ser realmente reconhecido e efetivado. O primeiro passo consistia na conversação entre as partes, onde delegados eram enviados por parte dos sitiados a fim de pedir a rendição da guarnição inimiga, procurando evitar um embate direto ou o cerco, que poderia levar de algumas semanas até a alguns meses, dependendo da quantidade de provisões e da regularidade das reposições de material bélico, humano e alimentício. Geralmente, os sitiados refutavam o pedido de rendição, preferindo que o cerco fosse levantado e as hostilidades começassem. Isso se dava, principalmente, devido à enorme superioridade da defesa em relação ao ataque durante o período pleno medieval¹³. A partir do momento em que o cerco fosse oficializado, a desistência por parte dos sitiadores resultava na desonra e descrédito do comandante militar responsável pela campanha. Assim sendo, tal forma de guerrear se tornava uma luta para ver qual dos inimigos seria derrotado primeiro, seja diretamente através das armas e artimanhas, seja indiretamente pela fome, como era mais recorrente.

O grande inimigo dos sitiadores consistia no tempo de serviço das hostes recrutadas, que era de aproximadamente três meses. Ao fim desse período, as tropas não tinham mais obrigação de acompanhar o chefe militar na empreitada, e só permaneciam com o cerco caso os acordos de saque fossem benéficos ou o pagamento de novos soldos fosse realizado¹⁴.

O que ocorreu em Lisboa no ano de 1147 não foi muito diferente desse padrão observado durante quase toda a Idade Média. Assim que os cruzados e D. Afonso Henriques acertaram as condições para iniciar o cerco, os acampamentos foram levantados próximos das muralhas e o arcebispo de Braga e o bispo do Porto foram enviados como delegados para acertar a rendição da cidade perante seu representante oficial. Após vários discursos, onde cada um procurou expor seus intentos, ficou decidido que a cidade não seria entregue sem luta, formalizando-se então o cerco no dia primeiro de julho.

O combate pela posse da cidade começou no mesmo dia, onde as tropas cristãs enfrentaram-se com os defensores da cidade pela posse dos subúrbios desta, que acabou sendo conquistado ao fim do dia, mesmo levando em consideração os números de guerreiros envolvidos na refrega, favoráveis aos islâmicos, já que os defensores optaram pela segurança das muralhas da cidade. Saério de Archelles foi enviado para fazer as tropas recuarem, a fim de que seus homens fossem preservados para um ataque de maior envergadura, que seria

lançado no dia seguinte. No entanto, se viu obrigado a participar do combate, socorrendo alguns guerreiros que se encontravam já bastante avançados dentro das cercanias da cidade, sendo que alguns deles inclusive já se lançavam ao saque de algumas casas. Mas a luta tomou proporções não imaginadas, e vários cristãos deixaram os navios para tomar parte no combate, obtendo assim a vitória.

Neste episódio podemos observar o uso de máquinas de guerra por parte dos defensores “*Multi interim sagittarum et balistarum ictibus cadere, nam propius accedendi licentiam lapidum prohibebat emissio. Sicque diei pars magna consumpta est.*”¹⁵ (NASCIMENTO, 2007, p. 100). As balistas podiam ser de tamanhos diferentes e disparar de setas pequenas, pouco maiores do que as utilizadas em arcos ou projéteis com mais de um metro de comprimento, dependendo de seu tamanho. No entanto, o lançamento de pedras descrito foi provavelmente realizado com o auxílio de diversas fundas individuais que, mesmo atirando pequenas pedras, com no máximo 1 quilo de peso, quando manuseadas por homens bem treinados podiam ser bastante letais. Apesar de parecer pequeno, esse tipo de projétil lançado por uma funda do alto de uma muralha adquiria velocidade, e podia facilmente quebrar ossos ou até mesmo matar um homem, se o atingisse na cabeça, mesmo se estivesse utilizando alguma proteção.

Um contra ataque foi lançado por parte dos islâmicos com a intenção de retomar os arredores da cidade, sendo esse rechaçado pelas tropas cruzadas, que contaram pela primeira vez com os reforços portugueses. Assim, os acampamentos foram levantados ao redor das muralhas e batéis com homens armados vigiaram a parte da cidade que dava para o rio, obstruindo totalmente todas as vias de comunicação dos defensores¹⁶. Isso se mostrava fundamental durante um cerco. Impossibilitar os defensores de obterem reforços e alimentos era primordial para garantir o sucesso da empreitada. Do contrário, a resistência dentro das muralhas poderia durar um tempo indeterminado, obrigando os atacantes a abandonarem suas posições. Mas quando todas as vias de comunicação eram controladas, os alimentos e, dependendo da situação, a água começava a escassear em poucas semanas, obrigando os sitiados a tentar furar o bloqueio numa luta armada ou a negociar a rendição da cidade, o que era mais recorrente.

Mesmo assim, a construção de máquinas de guerra não demorou muito para ter início. É bem provável que, após a formalização do cerco, as tropas cruzadas não se mostraram dispostas a esperar longos meses pela rendição do inimigo, partindo logo para a obtenção de matéria prima a fim de confeccionar os engenhos de guerra para forçar a rápida rendição da cidade: “*Cum autem ibi per XV sedissemus, machinas utrimque facere incepimus, Colonenses et Flandrenses suem, arietem, turrim ambulatoriam, nostri turrim ambulatoriam nonaginta V pedum altitudinis.*”¹⁷ (NASCIMENTO, 2007, p. 106). O suíno era uma espécie de proteção móvel, que servia para abrigar os soldados que se aproximavam do raio de ação dos defensores ou iniciavam os trabalhos de minagem de uma muralha. O ariete consistia num aparelho sobre rodas que levava uma haste de madeira, geralmente um tronco de árvore com a ponta endurecida ou revestida com metal, que servia para atacar diretamente a porta de uma fortificação, destruindo-a após várias batidas.

Tais engenhos bélicos entraram logo em ação, como relatado:

Colonenses interim et Flandrenses v fundis Balearicis muros et hostium turre temptant concutere. Peractis tandem eorum machinis et ad murum deductis, uix arietem reduxere, ceteris igne et satis contumeliose consumptis. Turris uero nostra cum iam ad murum fere duceretur, sabloni inhesit immobilis, a tribus eorum fundis irremis[s]ibiliter per dies noctesque concuss[a], ubi non sine magno nostrorum labore et detrimento in defendendo frustra, post dies quatuor comburitur, ab hostibus.¹⁸ (NASCIMENTO, 2007, p. 107)

No entanto, como podemos observar, as máquinas de guerra construídas foram logo postas fora de funcionamento por parte das ações dos defensores. Isso consistiu num

duro golpe para as tropas cristãs. Construir uma torre móvel, por exemplo, requeria a experiência de mestres construtores¹⁹, que orientavam o trabalho de vários soldados engenheiros, responsáveis também por manejar as máquinas quando prontas. Os problemas logísticos ficam explícitos quando analisamos a construção de tais armas. Obter madeira de boa qualidade em quantidades suficientes era muitas vezes algo arriscado, pois parte das tropas deviam ser deslocadas para regiões afastadas dos acampamentos, estando dessa forma sujeitas a emboscadas por estarem em território inimigo. Somado a este perigo constante, as árvores deviam ser derrubadas, serradas em tábuas e vigas e só depois transportadas de volta para próximo das muralhas. Só então os mestres na construção de tais engenhos começavam o trabalho, erguendo a torre a partir de encaixes talhados na madeira, uma vez que o uso de pregos era bastante limitado.

Todo esse esforço poderia ser em vão, como ocorreu no relato, caso as máquinas construídas não contassem com uma proteção externa, composta de lama seca e couro cru de gado. Grandes vasos com vinagre ou urina eram transportados junto à torre, a fim de apagar o fogo causado pelos inimigos, principalmente pelas flechas incendiárias. Entretanto, a torre construída pelos cruzados acabou atolada na areia, se tornando uma vítima fácil para os islâmicos, que a atacaram com toda força até não restar mais nada. Aliás, de todas as máquinas construídas, apenas o aríete pôde ser salvo nessa primeira tentativa de superar as muralhas.

Em se tratando de atacar uma cidade ou fortaleza murada, o uso de uma torre móvel consistia na maneira mais segura de superá-la, pois os homens estariam protegidos dentro da estrutura, ficando expostos somente no momento em que a rampa era baixada no topo da muralha, o que não ocorria quando tentavam escalar os muros com cordas ou escadas. Outra técnica efetiva consistia em minar seções da muralha, cavando túneis subterrâneos até as fundações da construção, e depois incendiando uma pilha de madeira até que a rocha trincasse e cedesse. No entanto, essa tarefa poderia levar meses e os defensores facilmente percebiam esses movimentos e se organizavam para interceptar os túneis que estavam sendo cavados, inundando-os ou travando pequenas escaramuças subterrâneas, “*Colonenses uero subterrâneas fossas quinquies aggressi ut murum precipitarent, totiens cassati sunt.*”²⁰ (NASCIMENTO, 2007, p. 108). A maneira mais fácil de superar uma muralha, entretanto, era a traição por parte de algum sitiado, que depois de combinar os termos com os atacantes, o dia e o local exato, abria os portões da muralha para a entrada das tropas, e não era uma situação tão rara de se ocorrer.

Seguindo com o relato, após algumas escaramuças entre os inimigos ocorreu o saque e chacina da cidade vizinha de Almada, onde as tropas cristãs saíram vitoriosas. Isso deu ânimo aos soldados, que voltaram a tentar superar as muralhas:

Tum uero nostri potius intendentes operi, inter turrem et portam ferream fossam subterraneam, ut murum precipitarent, fodere aggrediuntur. (...) Insuper due funde Balearice a nostris eriguntur, una supra ripam fluminis a nautis trahebatur, altera contra portam ferream a militibus et eorum conuictualibus. Hii omnes per centenos diuisi, audito signo exeuntibus primis centenis, alii centeni subintrassent, ut inter decem horarum spatia v milia lapidum iactarentur. Huiusmodi uero actio maxime fatigabat hostes. Iterum Normanni et Anglici et qui cum eis erant turrim ambulatoriam LXXXIII pedum altitudinis [138v] incipiunt. Colonenses iterum et Flandrenses ut murum precipitarent fossam contra murum editoris castris effodere incipiunt, opus admirabile dictu habens aditus quinque, continuatum uero infra XL cubitorum latitudinis a fronte, quod infra mensem consummaure.²¹ (NASCIMENTO, 2007, p. 112).

Aliado a isso, a carência de alimentos já era sentida dentro das muralhas e o mau cheiro dos cadáveres insepultos abalavam profundamente a resistência dos defensores. Em 16 de outubro, após 108 dias de cerco, um lance de aproximadamente 60 metros da muralha, próximo à Porta do Sol, veio ao chão, graças ao trabalho bem sucedido da mina: “*Subfossato*

*igitur muro impositaque ignis materia, nocte eadem sub galli cantu murus quasi cubitorum triginta solo tenuis corruit.*²² (NASCIMENTO, 2007, p. 114).

No entanto, os defensores acorreram para a parte destruída da muralha e a protegeram com barreiras, rechaçando a entrada dos cristãos. Os flamengos e colonienses, responsáveis pela mina e pela conseqüente derrubada da muralha, não permitiram aos normandos que participassem da tentativa de tomada da brecha, visando obter um maior saque e a glória por serem os primeiros a entrar na cidade. Porém, foram rechaçados durante vários dias, não conseguindo transpor as defesas.

Nesse meio tempo, uma nova torre móvel foi construída pelos normandos:

Tunc denique machina nostra compacta, uimineis undique coriisque bouinis, ne igne uel saxorum impetu lederetur, imuoluitur. Indictum super hec omnibus per naues ut uineas et tuguria cancellata ex uirgis facerent.²³ (NASCIMENTO, 2007, p. 116).

No dia 19 de outubro, o arcebispo de Braga proferiu um longo sermão exortando aos guerreiros para que tomassem a cidade, e aproveitou para benzer a torre móvel, que foi deslocada para frente da muralha, a uma distância de quinze côvados:

Ibi quidam nostrorum a muris percussus iactu funde [141v] interiit. Iterum in crastino contra turrin que est in angulo ciuitatis contra fluuium machina deducitur. Ad quam autem hostes omnia sue defensionis presidia comportauerant. Quo comperto, eorum premeditata facile cassantur. Nam nostri machinam contra fluuium ad dextram declinantes, turrin quasi cubitis uiginti preterierunt iuxta murum fere ad portam ferream que turrin respicit. Ibique baliste et archiferi nostri a turri predicta hostes fugauerunt, non ualentes impetum sagittarum ferre; nam a parte posteriori que urbem respicit turris patebat.²⁴ (NASCIMENTO, 2007, p. 126).

Nesses dois últimos trechos do relato, podemos observar algumas características da torre móvel que foi construída, assim como sua movimentação próxima à muralha. Manobrar uma torre de madeira cheia de homens equipados para batalha, que possuía mais de 30 metros de altura e pesava algumas toneladas, não era tarefa fácil, muito menos rápida. Seu deslocamento ideal seria sobre uma faixa de terra socada, coberta com tábuas de madeira – sobretudo troncos de árvores – e que deveria ser previamente construída pelos engenheiros, para que suportasse o peso da torre e esta não atolasse. Ao pé da muralha, estacas com roldanas eram fixadas no chão, por onde passavam cordas que eram amarradas a vários animais de carga, que as puxavam no sentido oposto da muralha para que a torre se aproximasse dela, carecendo assim de poucos homens expostos, sendo mobilizados apenas os que iam controlando os animais. Mas isso se daria em condições ideais, bastante diferentes das que foram enfrentadas pelos cruzados em Lisboa.

Provavelmente, vários homens ficaram responsáveis por transportá-la e manobrá-la, colocando troncos de árvores os mais cilíndricos possíveis sobre sua base, em terreno não preparado e empurrando-a e puxando cordas para movê-la. Somente com o chegar da noite a torre ficou posicionada frente à muralha e, como os defensores foram repelidos desta seção, os homens descansaram para o ataque final que se daria ao nascer do sol. No entanto, a maior parte se retirou para os acampamentos, ficando apenas cerca de duas centenas de homens protegendo a torre, que logo se viram cercados pela cheia da maré. Percebendo que a torre havia ficado isolada, o ataque dos islâmicos para destruí-la foi brutal:

Comperto autem a Mauris quod nos maris refluuium seclusisset, in duas cohortes per portam predictam machinam pede tenuis inuasere. Ceteri autem super muros, incredibilis multitudinis, admota lignorum materia cum pice et Lino et oleo et omnimodis ignium fomentis, machine nostre iniciunt. Alii uero super nos saxorum intolerabilem proiebant grandinem.²⁵ (NASCIMENTO, 2007, p. 126).

Segundo o relato, a defesa da torre móvel durou dois dias e uma noite, onde os soldados lutaram contra os inimigos que saíam das muralhas e, principalmente, contra o fogo que a toda hora tentava envolver o engenho. No fim, quando a maré baixou, as tropas cristãs foram rendidas por substitutos descansados que puderam acorrer na defesa da máquina. No dia 21 de outubro, moveram-na para bem perto da muralha e começaram a baixar a ponte,

visando conquistar seu topo após lutarem contra os defensores. Porém, já bastante debilitados e conscientes de que a cidade seria tomada, uma vez que não foram capazes de destruir a torre móvel, os islâmicos se renderam, baixando suas armas e permitindo a entrada dos cristãos na cidade, pelo topo da muralha.

Aqui neste ponto o cruzado normando deixa de relatar as atividades bélicas dos cruzados e passa a descrever como se deu a ocupação da cidade, os saques, a saída dos antigos moradores, a restauração da diocese de Lisboa e, por fim, um balanço geral dos últimos meses.

Assim sendo, e a partir da abordagem que fizemos à fonte, é interessante notar como os conhecimentos tecnológicos na área de engenharia militar encontravam-se difundidos não só na região do Oriente Médio, palco principal dos conflitos bélicos entre os séculos XI e XIII, mas sim em várias regiões da Europa, até mesmo na distante Península Ibérica. Isso ocorre, principalmente, graças a ação de homens especialistas na arte da guerra, verdadeiros profissionais da engenharia bélica e estrategistas que se empenharam em contornar todos os obstáculos impostos pelas grandes construções defensivas, ao longo de vários e vários séculos de guerra.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Pedro Gomes. *A reconquista cristã nas origens de Portugal, séculos. IX a XII*. Lisboa: Ésquilo, 2008.

BARBOSA, Pedro Gomes. *Lisboa – 1147 – A Cidade Reconquistada aos Mouros*. Lisboa: Tribuna da História, 2004.

BRADBURY, Jim. *The Routledge Companion to Medieval Warfare*. Londres: Taylor & Francis Group, 2004.

BRONISH, Alexander Pierre. *Reconquista y guerra santa: la concepción de la guerra en la España cristiana desde los visigodos hasta comienzos del siglo XII*. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2007.

KEEN, Maurice (Ed.). *Medieval Warfare – A History*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

NASCIMENTO, Aires A. (trad.). *A Conquista de Lisboa aos Mouros – relato de um Cruzado*. Lisboa: Nova Vega, 2007.

NICOLLE, David. *Medieval Siege Weapons (1) – Western Europe AD 585 – 1385*. Oxford: Osprey Publishing, 2002.

—, *Medieval Siege Weapons (2) – Byzantium, the Islamic World & India AD 476 – 1526*. Oxford: Osprey Publishing, 2002.

ROUSSET, Paul. *História das cruzadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

SÁEZ ABAD, Rubén. *Artillería y Poliorcética en la Edad Media*. Madrid: Almena Ediciones, 2007.

SILVA, Carlos Guardado da. *Lisboa Medieval: a organização e a estruturação do espaço urbano*. Lisboa: Edições Colibri, 2008.

¹ Mestrando em História pela UEM

² Período entre os séculos XI e XIV, onde as pedras foram empregadas de maneira generalizada na construção e ampliação das fortificações, permitindo uma maior proteção e resistência frente aos ataques inimigos. Perdeu até o surgimento do canhão.

³ GARCÍA FITZ, Francisco. *Las Navas de Tolosa*. Barcelona: Ariel, 2008, p. 16.

⁴ Este documento ingressou no Colégio *Corpus Christi* de Cambridge no decurso da primeira metade do século XVI, como parte integrante da coleção de manuscritos doados por seus ex-alunos, especificamente por Matthew Parker (1504-1575), que foi vice-chanceler da Universidade de Cambridge e arcebispo da Cantuária.

⁵ Na carta consta apenas a inicial “R”, abrindo o leque para toda uma discussão sobre o nome do real escritor da carta, onde se cogitou ser *Raol* ou *Randulfus*.

⁶ “Da mesma forma que julgamos estar seguros de que é grande desejo da vossa parte saber o que acontece conosco assim não deveis ter qualquer dúvida de que o mesmo se passa conosco a vosso respeito. Do nosso percurso, pois, tudo quanto for merecedor de relato, bons ou maus momentos, tudo quanto tenha sido entretanto feito, dito, visto ou ouvido, tudo isso o exporemos por escrito.” (NASCIMENTO, Aires A., *A Conquista de Lisboa aos Mouros*. Lisboa: Nova Vega, 2007, p.54).

⁷ Parte da frota naval foi dispersa no sexto dia da viagem, graças a uma forte tempestade que se levantou no Golfo da Biscaia.

⁸ “No porto de Dartmouth se reuniram, pois, uns cento e sessenta e quatro navios com homens de diversas nacionalidades, costumes e línguas. Divide-se então o exército de todos eles em três partes: sob comando do conde Arnaldo de Aershot, sobrinho do duque Godofredo, ficaram as flocas vindas do Império Romano; sob as ordens de Cristiano de Gistelles se colocaram os homens da Flandres e de Bolonha; os homens de todas as outras origens ficaram na dependência de quatro condestáveis: sob comando de Hervey de Glanville, os homens de Norfolk; os homens de Suffolk, às ordens de Simão de Dover; todos os navios de Kent às ordens de André de Londres; às ordens de Saério de Archelles, os restantes navios da frota.” (Idem, op. cit., p.55).

⁹ D. Afonso Henriques conquistou as cidades de Leiria e Santarém, entre os anos de 1135 e 1147. Logo após a conquista de Lisboa em 1147, foi capaz de dominar os territórios de Almada e Palmela (1147) e Alcácer (1160), para só então se arriscar em terras do Alentejo.

¹⁰ “A norte do rio, no topo de um monte redondo, fica a cidade de Lisboa, cujas muralhas descem em socacos até à margem do rio Tejo, dele ficando separadas apenas por um pano de muralhas que assentam no chão. No momento da nossa chegada era a mais rica e opulenta em provisões de toda a África e de grande parte da Europa.” (Idem, op. cit., p.77).

¹¹ SILVA, Carlos Guardado da. *Lisboa Medieval: a organização e a estruturação do espaço urbano*. Lisboa: Edições Colibri, 2008, p.57).

¹² Os termos oferecidos por D. Afonso Henriques aos cruzados que participassem do cerco diziam respeito ao direito ao saque após a tomada da cidade, o cativoiro de parte da população e a isenção do pagamento de taxas para os barcos que futuramente viessem a atracar na cidade.

¹³ GARCÍA FITZ, Francisco. *Las Navas de Tolosa*. Barcelona: Ariel, 2008, p. 61.

¹⁴ D. Afonso Henriques dispensou grande parte de seu exército logo após o saque da cidade de Almada, os motivos ainda são incertos, mas é bem provável que já havia vencido o tempo de serviço de seus homens recrutados e, como a tomada da cidade parecia bem provável, optou por dispensar a maior parte de seu exército ao invés de realizar um novo pagamento às hostes.

¹⁵ “Muitos, entretanto, caíam por causa das setas e dos tiros das balistas, pois o arremesso de pedras travava a possibilidade de maior avanço. Assim se passou grande parte do dia.” (NASCIMENTO, Aires A., *A Conquista de Lisboa aos Mouros*. Lisboa: Nova Vega, 2007, p.101).

¹⁶ Lisboa possuía três portas principais: duas laterais às muralhas (Porta de Alfafa e Porta de Ferro) e uma de frente ao rio (Porta do Mar).

¹⁷ “Estávamos, porém, já ali há quinze dias e começámos de um lado e de outro a fabricar máquinas de guerra: colonenses e flamengos montam um suíno, um aríete e uma torre móvel; os nossos, uma torre móvel de 95 pés de altura.” (Idem, op. cit., p.106).

¹⁸ “Entretanto, os colonenses e os flamengos tentam abalar as muralhas e as torres dos inimigos com cinco balistas. Terminadas finalmente as máquinas e levadas até junto das muralhas, só a custo conseguiram puxar atrás o aríete, pois tudo o mais foi queimado de modo bastante afrontoso. Quanto à torre, quando estava prestes a chegar junta da muralha enterrou-se na areia e aí ficou, tendo sido irremediavelmente fustigada por três balistas inimigas durante dias e noites sucessivas; aí foi incendiada pelos inimigos ao fim de quatro dias, não sem que os nossos tentassem defendê-la com grande esforço e perdas, mas tudo em vão.” (Idem, op. cit., p.108).

¹⁹ O mestre responsável pela construção das máquinas de guerra utilizadas no cerco de Lisboa foi provavelmente um engenheiro de Pisa, que acompanhou os cruzados desde a saída dos barcos em Dartmouth e seguiu até Jerusalém.

²⁰ “Os colonienses por cinco vezes tentam abrir túneis subterrâneos para fazer cair a muralha, mas outras tantas vezes fracassaram.” (Idem, op. cit., p.109).

²¹ “É então que, por sua vez, os nossos se empenham mais no trabalho e se lançam a escavar um fosso subterrâneo entre a Torre e a Porta de Ferro, com o fim de deitarem abaixo a muralha. (...) Além disso, são levantadas pelos nossos duas balistas: uma, colocada junto à margem do rio era accionada pelos marinheiros, outra situada frente à Porta de Ferro estava às ordens dos cavaleiros e dos seus acompanhantes. Estavam todos eles organizados em grupos de cem e, mal se ouvia o sinal para saírem os primeiros cem, outros cem entravam, de forma a que no espaço de dez horas tinham sido disparadas cinco mil pedras. Acção desta natureza extenuava extremamente os inimigos. É então a vez de os normandos, os ingleses e os que com eles se encontravam começarem a fazer uma torre móvel de 83 pés de altura. Os colonienses e os flamengos recomeçam a escavar o novo fosso subterrâneo frente à muralha da parte mais alta do castelo a fim de a deitarem abaixo; era uma construção de merecer elogios, com cinco entradas, com um pouco menos de 40 côvados de largura na frente, e concluíram-na em menos de um mês.” (Idem, op. cit., p.113).

²² “Minada, pois, a muralha e atafalhada com lenha para arder, nessa mesma noite, ao cantar do galo, um pano das muralhas de cerca de trinta côvados ruiu por completo.” (Idem, op. cit., p.115).

²³ “Finalmente foi levada a bom termo a nossa máquina de guerra, envolvida a toda a volta por vimes e couro de boi para evitar que fosse atingida pelo fogo ou pela violência das pedras. Foi além disso intimado a todos os dos navios que fizessem mantas de guerra e abrigos entrançados com varas.” (Idem, op. cit., p.117).

²⁴ “Aí morreu um dos nossos atingido por uma pedrada de funda atirada das muralhas. No dia seguinte, de novo, a máquina é deslocada para junto da torre que fica situada num recanto da cidade frente ao rio.

Os inimigos, porém, levaram igualmente para ali todos os seus aprestos de defesa. Logo que isso descobrimos, com facilidade fizemos fracassar os seus planos, pois os nossos desviaram a máquina para a direita frente ao rio e ultrapassaram a torre uns vinte côvados junto à muralha perto da Porta Férrea que está voltada para a torre. Aí os nossos besteiros e frecheiros repeliram da dita torre os inimigos que não conseguiam agüentar o ritmo das setas, pois a torre ficava a descoberto pela parte posterior que está voltada para a cidade.” (Idem, op. cit., p.127).

²⁵ “Tendo os mouros descoberto que a maré nos isolava, a pé, atacaram a máquina com duas companhias de homens através da dita porta, enquanto outros, em multidão inacreditável, por cima das muralhas, tendo acarretado materiais de lenha com pez, estopa e azeite com substâncias incendiárias de toda a espécie, começam a atirá-los à nossa máquina. Outros ainda lançavam sobre nós uma chuva insuportável de pedras.” (Idem, op. cit., p.127).